

PIBID: Integrando Genética, Gênero e Sexualidade na Formação Docente

PIBID: Integrando genética, género y sexualidad en la formación docente

Vitória Regina de Oliveira Barroso

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
oliveira.vitoria@ufms.br

Cibelli da Silva Estrela Matiel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
cibelli.estrela@ufms.br

Cristiano Figueiredo dos Santos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
cristiano.santos@ufms.br

RESUMO

Programas como o PIBID permitem que, desde a formação inicial, futuras(os) professoras(es) possam estar em contato com a prática docente nas escolas enquanto também elaboram saberes teóricos em seus cursos de graduação. Este trabalho relata experiências importantes do estágio supervisionado no PIBID e seus efeitos na formação inicial. Em uma aula sobre mutações cromossômicas numéricas sexuais, abordaram-se síndromes de Turner, Klinefelter e Triplo X, relacionando o conteúdo com questões de gênero, sexualidade e contextos sociais. O PIBID se mostrou como espaço de formação inicial importante e acreditamos que, ao ter discutido diferenças, contribuímos para a redução de preconceitos e promoção de convivência inclusiva, influenciando a formação de estudantes críticos, conscientes e respeitosas(os).

Palavras-chave: sexualidade; formação de professores; ensino de biologia; educação.

Eixo temático: 3 - Formação docente em Ciências e Biologia.

Modalidade: Relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

Programas como PIBID permiten a los futuros docentes estar en contacto con la práctica docente en las escuelas desde su formación inicial y al mismo tiempo desarrollar

conocimientos teóricos en sus cursos de pregrado. Este trabajo reporta experiencias importantes de la pasantía supervisada en el PIBID y sus efectos en la formación inicial. En una clase sobre mutaciones cromosómicas numéricas sexuales se discutieron los síndromes de Turner, Klinefelter y Triple X, relacionando el contenido con cuestiones de género, sexualidad y contextos sociales. El PIBID resultó ser un importante espacio de formación inicial y creemos que, al discutir las diferencias, contribuimos a reducir los prejuicios y promover la convivencia inclusiva, incidiendo en la formación de estudiantes críticos, conscientes y respetuosos.

Palabras clave: sexualidad; formación de profesores; enseñanza de la biología; educación

Eje temático: 3 -Formación del profesorado en Ciencias y Biología.

Modalidad: informe de experiencia pedagógica.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma política pública que visa proporcionar formação inicial diferenciada por meio do alinhamento entre teoria e prática. Tal formação docente é concebida entre vivências, aprendizagens e trocas de experiências entre licenciandos(as) e professores(as), tanto da educação básica quanto do ensino superior, evidenciando assim a relação entre escolas e universidades.

Organizado em subprojetos, o Programa abrange distintas áreas do conhecimento que incluem a biologia e está presente no curso de licenciatura em ciências biológicas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas, contemplando 19 estudantes, uma professora coordenadora e 3 professoras(es) supervisoras(es). Ao tratar da formação docente, Tardif (2007) destaca a importância dos saberes que são efetivamente mobilizados e utilizados por professoras(es) em seu trabalho diário, de maneira que constituem saberes da prática profissional, necessários ao trabalho tanto quanto os saberes teóricos.

Nesse sentido, programas como o PIBID são relevantes justamente por permitirem que, desde a formação inicial, futuras(os) professoras(es) possam estar em contato com a prática docente nas escolas enquanto também elaboram saberes teóricos

em seus cursos de graduação nas universidades. Os saberes de professoras(es) não estão desvinculados das realidades sociais, organizacionais e humanas nas quais docentes estão imersos, “o saber deles está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com sua experiência de vida e com sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola” (TARDIF, 2007, p. 11). Sendo assim, é importante que professoras(es) compreendam as diversas demandas contemporâneas, percebendo o seu papel como agentes de transformação e, conseqüentemente, estimulando educandos(as) a perceberem, discutirem e buscarem soluções para a realidade social na qual estão inseridos(as) (SILVA e BASTOS, 2012).

No Brasil, conceitos como diversidade, diferença, igualdade e justiça social se mostram relevantes a educadores(as) comprometidos(as) com uma educação cidadã. Trabalhos com o enfoque em preconceitos e discriminações étnico-raciais, no gênero, nas sexualidades e nas religiões têm sido importantes na busca de uma visão democrática e plural que permita o diálogo e avance no desempenho positivo de estudantes de universos culturais distintos e plurais (CANEN e XAVIER, 2011).

Os ensinamentos de ciências e biologia, por vezes, vinculam-se à discussão da sexualidade, ancorados em uma perspectiva do corpo. Os cursos de formação docente em Ciência Biológicas e a disciplina escolar Biologia são, em geral, demarcados por uma ideia de organização, classificação, das representações anátomo-fisiológicas e genética do que pode ser entendido como masculino e feminino, embora outros modos, ideias e demarcações sejam possíveis (SANTOS e SILVA, 2019). Contudo, em geral, essa abordagem com ênfase biologicista, embora muito recorrente, não dá conta de contemplar outras dimensões igualmente importantes e necessárias da sexualidade humana e, por vezes, reforça padrões que permitem entendê-la apenas a partir do ponto de vista da hetero-cis-normatividade. Daí se destaca a necessidade de que os ensinamentos de ciências e biologia sejam inclusivos a ponto de não deixarem de fora experiências e identidades de pessoas, estudantes ou não, que busquem uma educação o mais plural possível. Silva (2014, p. 02) postula que “A abordagem sobre o tema corpo humano na escola, por meio das disciplinas Ciências e Biologia, geralmente nega a inconstância do corpo”.

O cenário da formação docente inicial para as sexualidades tem demonstrado desempenho ineficaz das instituições, formação insuficiente dos docentes, gerando insegurança ou desconforto para a abordagem em sala de aula (SANTOS e SANTOS, 2019). Nesse contexto, a formação de professores para a diversidade é um desafio para as instituições envolvidas nesse processo, embora também seja um locus privilegiado para a discussão e reflexão dessas questões (CANEN e XAVIER, 2011).

Segundo Louro (2000) a sexualidade somente tornou-se uma questão em séculos recentes, e, desde então, tem sido alvo de vigilância e controle. Na escola, discussões sobre corpo, gênero e sexualidade estão permeadas pelo contexto das relações de poder que são travadas diariamente, de maneira a facilitar ou dificultar o avanço dessas pautas. Ribeiro et al. (2016) indicam que a escola ensina modos de ser e estar na sociedade, ensina sobre corpos, gêneros e sexualidade e, se assume essas questões como parte do currículo, pode contribuir para a promoção, respeito e valorização da diversidade sexual e de gênero, colaborando para o enfrentamento da violência sexista e homofóbica.

Silva (2014) destaca que as disciplinas escolares têm participação efetiva na produção da cultura e dos processos de subjetivação humana. Corpo humano e sexualidade são temas localizados em conteúdos obrigatórios e o modo como são abordados, “e até mesmo a presença ou a ausência destes nos currículos escolares, dizem respeito às formas pelas quais e com as quais os agenciamentos são produzidos e as subjetividades são operadas” (SILVA, 2014, p. 4). Vale ressaltar que a temática da sexualidade, quando comparada com outras temáticas merecedoras de atenção que se abrigam sob o guarda-chuva das diversidades, parece ter maior fragilidade política, social e acadêmica, de modo que a simpatia pública volta-se mais por temas tais como direitos humanos, de forma genérica, e promoção da igualdade das mulheres em relação aos homens. (SANTOS e SANTOS, 2019).

Assim, o objetivo deste trabalho é relatar experiências consideradas importantes na formação profissional, no que se refere a temas da sexualidade, que foram vivenciadas no âmbito do estágio supervisionado desenvolvido no PIBID, além de refletir sobre os efeitos desses episódios em nossas subjetividades e formação inicial.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Durante uma aula da disciplina de estágio em que nós fomos instigadas a pesquisar sobre os conteúdos programáticos previstos para os anos finais do Ensino Fundamental II. Em nossa investigação verificamos que um dos temas abordados na ementa oficial do Governo do Estado é a abordagem da sexualidade e a partir disso relatamos essa experiência para a turma.

O estágio PIBID tem duração de 18 meses, compreendendo oito horas semanais nos itinerários formativos e é realizado sob supervisão do professor Isaque Macedo na Escola Estadual Padre João Tomes, que se localiza em uma região periférica de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. A escola atende turmas do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio nos turnos matutino, vespertino e noturno.

A proposta para a aula do dia 6 de outubro de 2023 era trabalhar o conteúdo de mutações cromossômicas numéricas sexuais, conceituando o tema e abordando as síndromes de Turner, Klinefelter e do Triplo X. A aula em questão foi apresentada para o itinerário formativo de genética, com cerca de 40 alunos de 14 a 18 anos de distintos anos do ensino médio. O foco principal da aula estava voltado apenas para o conteúdo que seria ministrado no dia, porém, conforme o andamento das atividades com a turma, uma parte da explicação abriu oportunidade para que se discutisse questões sobre sexualidade.

Na maioria das aulas ministradas foram planejadas semelhantemente, utilizando slides e projetor para auxiliar durante a explicação do conteúdo. Após a explicação do conteúdo e tirar as dúvidas que surgiam durante a aula, passávamos uma atividade a fim de fixar o assunto, sempre produzimos atividades de forma mais lúdica, usando recursos visuais nos quais os alunos tinham que desenhar, fazer analogias, e responder questões sobre os principais temas trabalhados em sala. Isso configurou um histórico de diversas situações positivas. Na nossa quarta aula nessa turma supervisionada pelo professor Isaque, tivemos mais uma experiência positiva, o que até era inesperado para nós devido ser os primeiros momentos que tivemos como regentes.

Um cuidado que tomamos também foi o de adotar uma linguagem menos técnica, sempre apresentando os termos e conceitos apresentados em livros, porém utilizando uma

linguagem mais acessível e informal, com o intuito de manter o interesse dos alunos e melhorar a comunicação. Acreditamos que o uso dessa linguagem mais próxima pode ter ajudado a transformar a sala de aula em um ambiente mais aberto, permitindo que os alunos sentissem segurança para tirar várias dúvidas e participar ativamente da aula.

O próprio supervisor do estágio, que já dava aulas para essa turma há um tempo, comentou que os alunos participavam mais que o comum nas nossas aulas, e se mostravam mais interessados. Em todas as atividades entregues aos alunos, sempre recebemos feedback positivo, eles sempre faziam o que era proposto e sempre nos chamavam para tirar dúvidas quando com dificuldades em responder as atividades propostas.

RELATO / REFLEXÕES

Durante a preparação da aula, identificamos como um dos tópicos importantes a serem abordados a questão da inclusão e respeito. Destacamos que além da relevância acadêmica do conteúdo, ele também contribuiria para a convivência social, visto que na sociedade nos deparamos com a diversidade a todo momento. Acreditamos que o conhecimento sobre as diferenças pode diminuir preconceitos e julgamentos, promovendo uma convivência mais inclusiva.

Iniciamos a aula apresentando os conceitos fundamentais para compreender o conteúdo e introduzimos as mutações cromossômicas numéricas sexuais. Pedimos para que os alunos tratassem o tema com respeito, pois lidaríamos com imagens sensíveis que mostravam as malformações e características de pessoas com síndromes. Seguimos explicando-as e destacando características de cada uma. O professor supervisor contribuiu de forma positiva em diversos momentos da aula como, por exemplo, quando comentou que quando ele estudava, o termo utilizado para as mutações era "aberrações", termo esse que foi criticado pelos alunos, visto seu teor pejorativo.

Aproveitamos e compartilhamos o relato de um de nossos professores durante uma aula na faculdade, que contou sobre um garoto de sua cidade que teve uma infância típica, com características tidas como masculinas, mas que durante a puberdade, desenvolveu

características tidas como femininas, ao contrário de seus colegas que desenvolveram características associadas à testosterona. O adolescente apanhava do pai e era levado à igreja em busca de uma "solução". Após consultar diversos médicos, foi diagnosticado com uma síndrome, provavelmente a Síndrome de Klinefelter, devido às características apresentadas. No entanto, a falta de conhecimento sobre essa síndrome resultou em sofrimento não só para ele, mas também para muitos outros que compartilham da mesma condição.

Essa situação sobre o ocorrido com o garoto, desencadeou uma discussão a respeito do impacto da evolução científica na inclusão, destacando como a mudança na linguagem do uso de termos sem viés pejorativo ou o abandono de expressões que podem ser consideradas ofensivas, já impactam positivamente o convívio social das pessoas que possuem algumas condições. Comentamos sobre como o conhecimento nos possibilita compreender melhor e, conseqüentemente, reduzir o preconceito.

Durante a aula, uma aluna questionou em qual sexo uma pessoa que nasceu com essas alterações se enquadraria, levando em consideração o binarismo de gênero. Ela perguntou se, biologicamente, essa pessoa era considerada do sexo feminino ou masculino, uma questão desafiadora, especialmente porque está envolta em questões políticas e sociais. Para responder essa dúvida, ressaltamos que a ciência está em constante evolução, e que o sexo de uma pessoa não é sempre uma questão binária (vide pessoas intersexuais), e sim que existem variações biológicas naturais, tais como as diferenças cromossômicas (por exemplo, síndrome de Turner, síndrome de Klinefelter) e diferenças hormonais que podem influenciar o desenvolvimento sexual. “O determinismo biológico pressupõe que fatores da natureza e/ou genéticos sejam responsáveis por diferenças culturais (por exemplo, supostas diferenças sexuais, hormonais e/ou cerebrais entre homens e mulheres justificariam desigualdades sociais reforçadas por representações binárias, que apontam como características masculinas a força física e a racionalidade, e como atributos femininos a sensibilidade e a emoção)” (SOUZA, 2018). É importante salientar que a biologia é muito mais complexa que uma simples divisão binária.

Questões que antes acreditávamos ter respostas definitivas, se revelam cada vez mais complexas com o avanço das descobertas. Essa evolução contínua da ciência nos leva a

questionar e a repensar conceitos estabelecidos, gerando um cenário onde surgem novas dúvidas e perspectivas a serem exploradas.

Além das questões biológicas, que tradicionalmente consideram os cromossomos XX relacionados ao sexo feminino e a presença do Y ao masculino, surge a questão sobre onde uma pessoa que não se enquadra nessa norma se encaixa. Acresce que é importante considerar como essa imposição de gênero com base no cariótipo sexual é, em várias situações, problemática e nociva. Uma pessoa não deve ser obrigada a se considerar em um gênero no qual ela não se identifica apenas por causa do seu cariótipo. Nascer com o cromossomo Y não deveria impor uma pessoa a se identificar como homem, e muito menos obrigá-la a viver uma vida seguindo padrões ligados à sua masculinidade. Nessa perspectiva, cabe a nós, como sociedade, e profissionais da educação, compreender que a biologia é importante até certa etapa. Fica evidente que quando pensamos em questões relacionadas à saúde física do indivíduo, o cariótipo sexual é importante devido sua relação direta com fisiologia do mesmo. Entretanto, qualquer indivíduo deve ter o direito de se identificar como desejar, independentemente das normas científicas estabelecidas. Além disso, é crucial reconhecer a importância da saúde mental para esses indivíduos. A imposição de um gênero baseado exclusivamente no cariótipo pode resultar em sérios problemas psicológicos, incluindo sentimentos de inadequação, ansiedade e depressão. Portanto, é fundamental oferecer suporte psicológico e criar um ambiente inclusivo e respeitoso para promover o bem-estar mental e emocional dessas pessoas.

É importante ressaltar que essa conversa foi conduzida de forma respeitosa, em momento nenhum impusemos como um aluno deve ou não conduzir sua vida, ou tentamos interferir na identidade de gênero dos mesmos. Pelo contrário, utilizamos essa dúvida da aluna em relação ao conteúdo como forma de enfatizar a importância do respeito às identidades de gênero e à diversidade em geral. Ao final dessa discussão, muitos outros alunos, além da aluna que havia exposto a dúvida, demonstraram elogios e concordaram com o que haviam ouvido. Vale ressaltar que ao final de várias aulas, ao questionar sobre o feedback deles sobre a mesma, eles sempre abordavam um tópico em comum: a facilidade de entender o que estávamos ensinando a eles, seja pelos recursos linguísticos utilizados, ou a metodologia empregada em sala de aula. Talvez, o conjunto desses métodos, ou devido

a pouca diferença de idade que faz com que os alunos se identifiquem mais e se sintam seguros em expor suas dúvidas, um momento no fim dessa mesma aula exemplifica isso. Ao fim da aula uma aluna, sentada no fundo, que até o momento não havia participado da aula, questionou a respeito do Big Ed, um participante da TV que ganhou destaque no programa “90 Dias Para Casar” da Discovery, e viralizou nas redes sociais. Ela questionou se a característica do pescoço alado da síndrome de Turner é a mesma que o Big Ed possuía. Como a faixa etária dos alunos não é tão distante da nossa, acabamos consumindo conteúdos parecidos nas redes sociais. Então, como já o conhecíamos, pesquisamos para ter certeza e explicamos para eles que a característica do pescoço do Big Ed era devido a outra síndrome, uma chamada Klippel-Feil, que faz com que ele tenha três vértebras que se pareçam com duas. Essa dúvida vinda de uma aluna que ainda não tinha se mostrado participativa na aula, mostra como a mesma, além de ter prestado atenção a ponto de lembrar de uma característica dita quase no começo da aula, ainda fez a ligação com uma pessoa da mídia, um conhecimento que ela já tinha, e ainda se sentiu segura em expor esse pensamento. Essa situação destaca como os alunos podem se sentir seguros em compartilhar suas dúvidas e pensamentos, mesmo que aparentemente distantes do tema principal da aula. Isso evidencia a importância de proporcionar um ambiente de aprendizado aberto e acolhedor, onde os alunos se sintam encorajados a expressar suas ideias e curiosidades.

Foi um momento significativo para nossa experiência de aprendizado. Primeiramente, demonstrou como os alunos podem participar ativamente das discussões, mesmo não demonstrando interesse inicialmente, ressaltando a importância de abordar temas que tenham conexão com a vida cotidiana dos alunos.

Além disso, a conexão feita pela aluna entre o conteúdo da aula e um exemplo da mídia, evidencia como o aprendizado pode ser aplicado e relacionado ao mundo real.

Para nós, como educadoras em formação, essa experiência demonstra a importância de estarmos sempre abertas e receptivas às contribuições dos alunos, mesmo quando essas podem parecer fora do contexto da aula. Em termos de formação inicial, nos mostra como é essencial desenvolver habilidades de escuta ativa, empatia e abertura

para perspectivas diferentes. Habilidades estas que são fundamentais para uma prática educacional inclusiva e que estimule o pensamento crítico dos alunos.

No que se refere à iniciativa para elaboração desse texto, ela surgiu durante uma aula de estágio em ciências físicas e biológicas que aconteceu na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), na qual tivemos a oportunidade de relatar a importância de abordar a sexualidade no ensino. Nessa circunstância, ao final da aula, recebemos o convite para elaborar um trabalho que tratasse dessa temática para ser apresentado em um congresso, reforçando sua interligação com a biologia e questões sociais. Nesse contexto, a partir do que foi relatado, os professores orientadores notaram a importância e necessidade de aprofundar essas temáticas, considerando sua intrínseca relação com a biologia, assim como suas ramificações sociais e culturais. Diante de tal oportunidade, sentimo-nos motivadas a desenvolver este texto com a intenção de problematizar uma abordagem mais ampla e inclusiva no ensino, que considere não apenas aspectos biológicos, mas também questões sociais relacionadas à sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das experiências vivenciadas no estágio supervisionado do PIBID, se torna evidente a importância de uma abordagem inclusiva e informada sobre temas como sexualidade no contexto educacional. É crucial reconhecer o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como um espaço de formação fundamental. Sem essa oportunidade proporcionada pelo programa, diversas experiências enriquecedoras como esta não seriam possíveis, ressaltando a necessidade de iniciativas que promovam o desenvolvimento profissional e estimulem a reflexão crítica no âmbito educacional. A relação intrínseca entre biologia e questões sociais, juntamente com a necessidade de compreender as diversas demandas contemporâneas, demonstram a relevância do papel do professor como agente transformador. “Um docente com uma abordagem problematizadora é capaz de formar um cidadão crítico, agente transformador de uma realidade opressora” (FERNANDES, 2020, p. 584).

O interesse demonstrado pelos alunos durante uma aula sobre mutações cromossômicas com ênfase na concepção dos mesmos sobre questões sociais como a

sexualidade, ressalta a importância de proporcionar espaços de diálogo e reflexão.

Ao refletirmos sobre tamanha fragilidade política, acadêmica e social que na maioria das vezes envolvem temas relacionados à diversidade sexual, reafirmamos a importância de políticas públicas para promover uma educação inclusiva com destaque para superar tabus e ampliar o debate sobre sexualidade no contexto educacional. Portanto, nossa intenção com este trabalho foi o de colaborar para o impacto positivo e transformador no contexto educacional, contribuindo para a formação de indivíduos críticos, conscientes e respeitosos em relação a temáticas que requerem maior importância e reconhecimento. Acreditamos que promover uma educação mais inclusiva e informada é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

- CANEN, A.; XAVIER, G. P. M. Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 48, p. 641-813, 2011.
- LOURO, G. L. *Currículo, Gênero e Sexualidade*. Porto: Porto Editora, 2000.
- PEREIRA, L. Experiências docentes acerca da educação sexual e formação de professores. *Além dos Muros da Universidade*, v. 7, n. 2, p. 10-17, 2022.
- RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C.; SILVA, E. P. Q.; VILAÇA, T. O ensino de biologia e suas articulações com as questões de corpos, gêneros e sexualidades. *BioGrafia-Escritos Sobre la Biología y su Enseñanza*, v. 9, n. 16, p. 77-86, 2016.
- SANTOS, C. F.; SANTOS, R. M. R. Desafios na formação docente em diversidade sexual. *Educação: Teoria e Prática*, v. 29, n. 60, p. 140-161, 2019.
- SANTOS, S. P.; SILVA, E. P. Q. Ensino de Biologia e transexualidade. *Ensino em Revista*, v. 26, n. 1, p. 147-172, 2019.
- SILVA, E. P. Q. Corpo e sexualidade: experiências em salas de aula de ciências. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 2, 2014.
- SILVA, V. F.; BASTOS, F. Formação de Professores de Ciências: reflexões sobre a formação continuada. *ALEXANDRIA – Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, v. 5, n. 2, p. 150-188, setembro 2012.

SOUZA, E. J. Educação sexual “além do biológico”: problematização dos discursos acerca de sexualidade e gênero no currículo de licenciatura em biologia. 2018.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

WILDER, K. F. de S.; SILVEIRA, É. L. (Org.). Debates de Gênero e Sexualidade no Universo Infanto-Juvenil: Expressões e Barreiras. In: FERNANDES, S. F. Educação: Entre saberes, poderes e resistências. Vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 596 p.